

## As duas margens do rio<sup>1</sup>

Suellen SANTIN<sup>2</sup>

Angélica LÜERSEN<sup>3</sup>

Universidade Comunitária da Região de Chapecó – Unochapecó, SC

### RESUMO

Este trabalho condensa o planejamento, os métodos e objetivos da reportagem “As duas margens do rio”, que trata sobre a resistência cultural indígena, na perspectiva dos kaingang da Aldeia Condá, em Chapecó. São histórias que reportam ao regate de tradições ancestrais, ao preconceito em relação à população indígena, às transformações culturais e ao cotidiano deste povo. Uma narrativa jornalística literária que dá voz a diversos personagens, com o intuito de propor uma reflexão à causa indígena chapecoense, desmistificar estereótipos e compreender as transformações culturais por quais passam os índios kaingang.

**PALAVRAS-CHAVE:** Grande reportagem, resistência cultural, kaingang, jornalismo literário.

### 1 INTRODUÇÃO

A preocupação dos kaingang da Aldeia Condá em manter suas tradições pode ser percebida por elementos de resistência, como a permanência da língua nativa, do reconhecimento pelas lideranças e da crença e realização do ritual do “Kiki”. Características ancestrais da identidade de um povo, que perduram mesmo com as transformações culturais, decorrentes dos conflitos com os não índios e da expulsão deste povo de suas terras de origem.

Os conflitos com a desestruturação das aldeias indígenas e a desapropriação das terras são oriundos do período de colonização do Oeste catarinense, que teve início em meados de 1912, e tornou-se mais expressivo em 1940. Na época, o território era habitado por kaingangs e choclengs.

Os colonos que compravam as terras no Oeste catarinense queriam que elas estivessem limpas, ou seja, sem moradores. Para a limpeza da terra os

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo Impresso.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, email: suellensantin@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, email: angelica.luersen@gmail.com

caboclos e os poucos indígenas que ainda viviam foram expulsos de suas terras, pois eram considerados improdutivos. Esses povos, ou foram sendo empurrados para áreas distantes nas matas, ou foram para as cidades, quando não foram literalmente eliminados. (PAIM, 2006, p.126)

Ao passo em que o sistema produtivo e a comercialização - oriundos da cultura dos imigrantes, agricultores e desbravadores - traziam a promessa de desenvolvimento para a região, os povos nativos eram vistos como empecilhos a este avanço.

Com o passar dos anos, o problema social decorrente das injustiças cometidas desde o início da colonização permaneceu. Mesmo depois dos aldeamentos, a desestruturação das aldeias, a crise de identidade e as próprias mudanças ambientais não permitiram a readaptação efetiva dos indígenas.

No caso da Aldeia Condá em Chapecó, habitada pelos kaingang, a conquista pelo território foi uma luta intensa, de indígenas cansados com tratamento do Estado, em mudá-los constantemente de reserva. O acampamento improvisado, com más condições de moradia, no bairro Palmital – de 1995 a 1999 - chamou a atenção para uma luta de direitos e para a tentativa dos kaingang em manter seu povo unido.

Na primeira tentativa de constituir a aldeia, a população indígena de maior expressão na região vivia em situações críticas de moradia, totalmente desprovida de recursos naturais, que não eram oferecidos pela propriedade “Estes índios vivem em barracos, impossibilitados de praticar a coleta, a caça e a pesca, distante dos recursos naturais a que seus antepassados estavam acostumados”. (Cassol, 1999, p.18)

Em relato descrito por Cassol, (1999, p.20), em sua pesquisa de monografia, uma kaingang habitante da aldeia conta que “o motivo que a trouxe para Chapecó juntamente com seus filhos, foi a maior facilidade de comercialização do artesanato que produzem, e a falta de recursos naturais em suas reservas”.

Apesar das dificuldades que enfrentam com a falta de recursos na cidade, não querem voltar para suas reservas, pois não há mais caça, pesca e frutos. É melhor viver na cidade, porém há necessidade de um terreno maior do que aquele que atualmente ocupam, um espaço de fácil acesso, para a comercialização do artesanato. (CASSOL, 1999, p.20)

Após resistirem acampados na área central da cidade, conseguiram a atenção do poder público municipal para a conquista de uma propriedade definitiva, localizada na linha Praia Bonita, no interior do município.

Ao passo em que as novas conquistas contribuíram para a reafirmação da cultura kaingang, os indígenas ainda têm sua identidade desacreditada ou questionada pela

sociedade não índia. Visto que suas tentativas de resgate aos costumes são valores praticados no cotidiano da aldeia e a reflexão sobre a causa indígena fica, muitas vezes, limitada a estudos acadêmicos, sem que seja de conhecimento da sociedade como um todo, a produção da reportagem “As duas margens de rio” busca expor a realidade dos kaingang da Aldeia Condá, a partir de seus hábitos, suas vivências e crenças.

## **2 OBJETIVO**

A grande reportagem foi elaborada com o intuito de abordar os esforços dos kaingang da Aldeia Condá para manter as tradições, a discriminação sobre este povo e o impacto das influências da sociedade não índia sobre seu cotidiano. Além de compreender o significado da cultura indígena para os kaingang e repensar os estereótipos aplicados a este povo, ao propor uma reflexão sobre a causa indígena chapecoense por meio de diversos relatos, fontes, pesquisas e situações sobre como se dão as manifestações de resistência cultural na Aldeia Condá.

A reportagem também surge com a proposta de desenvolver uma produção jornalística com base na definição de jornalismo como meio de promover a cidadania, ao despertar a discussão e o senso crítico através das notícias.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Se considerarmos a nova dinâmica dos jornais e a influência da agilidade imposta pela internet para a produção de matérias podemos chegar à conclusão que, praticamente, não há mais tempo para fazer um jornalismo tão intenso quanto o das grandes reportagens.

O jornalismo impresso tradicional envolve em sua essência dois tipos de publicações; a matéria, texto básico que informa as notícias, e a reportagem, com conteúdo mais complexo. No entanto, esta última parece que aos poucos se torna uma prática rara devido aos impactos nas formas atuais de se produzir notícias, influenciadas, principalmente, pelas novas tecnologias e seu fator de instantaneidade.

Num meio que privilegia a rapidez em detrimento das produções mais elaboradas, as informações acabam sendo publicadas com as mesmas características, com textos resumidos e pouco aprofundados. Como passam a perder espaço no jornalismo diário, as grandes reportagens encontram em outros suportes, entre livros e revistas, um meio para publicação.

Na imprensa chapecoense, o mesmo cenário compõe o jornalismo impresso. Os jornais do município - em praticamente todas as publicações - contêm matérias relativamente curtas e, algumas, mais elaboradas, mas poucas que alcançam o gênero da grande reportagem. As temáticas mais aprofundadas são tratadas geralmente quando há cadernos especiais, em publicações semanais ou alternativas. Nas revistas, suporte que seria mais favorável a publicações deste estilo, especialmente devido à periodicidade, há escassez desta prática jornalística.

Murilo Soares (2009) defende que o exercício do jornalismo envolve a garantia dos direitos sociais e é um meio que preza pelos interesses dos cidadãos. “Nessa direção, percebe-se que na sociedade brasileira, profundamente marcada pela desigualdade e pela exclusão da maioria dos serviços essenciais, existe um espaço muito importante de atuação do jornalismo pelos direitos sociais da cidadania. (SOARES, 2009, p. 148).

Nesse sentido, o jornalismo cumpre um caráter democrático de denúncia e busca pela verdade ao apresentar temas, ou ângulos que são omissos à grande parte dos cidadãos. Então, como uma produção jornalística, esta reportagem foi desenvolvida também com o intuito de demonstrar que é possível fazer um jornalismo comprometido com a veracidade, e reafirmar o papel do jornalista como protagonista na propagação de informações plurais e de interesse público.

A questão da resistência cultural indígena em meio à influência da urbanização e como símbolo de luta pelos direitos kaingang, como pauta, possibilita justamente praticar este conceito de jornalismo. Desde a época da colonização da região Oeste, os povos nativos sofrem com a exclusão e com a violência e muito pouco desta abordagem é discutida abertamente pela sociedade.

Na tentativa de compensar estes povos pelas décadas de sofrimento, a organização de terras para a habitação indígena foi a principal medida adotada pelos órgãos governamentais, através da criação de reservas. No entanto, após conquistarem a demarcação de seus territórios, muitas comunidades ficam a mercê de condições críticas de subsistência e dependem de um assistencialismo frágil, uma vez que as terras não possuem mais os mesmos recursos naturais necessários para que o índio tire, unicamente delas, seu sustento.

De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizado em 2010, o Brasil possui mais de 230 povos indígenas, que somam 817.963 pessoas. Deste

total, quase 503 mil vivem em áreas rurais (33,7 %) e cerca de 315 mil moram nas cidades (48,6%).

Com a falta de terra indígena demarcada no decorrer da história brasileira, os índios são obrigados a viver nos lugares mais íngremes, nas beiras dos rios, nas periferias das cidades. É comum encontrarmos descendentes indígenas morando na cidade e não se identificando como tal. (FACCO e ANTUNES, 2003, p.11)

A terra, representante do contexto social desses indivíduos, deixa de cumprir esse papel. No caso da primeira localidade da Aldeia Condá, em Chapecó, habitada pelos kaingang, a reserva ficava dentro da cidade, impossibilitando que os índios sobrevivessem apenas dos recursos naturais oferecidos pela terra.

No caso indígena Kaingang de Chapecó, antes da determinação do espaço urbano, os mesmos habitavam esse local e com a expansão e formas de organização da sociedade vigente, foram, cada vez mais, expulsas para as periferias e destas para o “nada”. Após alguns anos são depositados em terras distantes do centro urbano, dificultando e tornando quase que impossível sua sobrevivência. (FACO e ANTUNES, 2003, p.11)

No entanto, apesar do direito pela terra, os reflexos da ação do homem na devastação do meio ambiente impossibilitam a prática dos costumes como a caça e a pesca como meios exclusivos de sobrevivência. É quando os povos indígenas buscam outras formas de subsistência, essencialmente através dos recursos ofertados nas cidades.

Como reflexo dessa situação cria-se um conflito cultural acerca da identidade do indígena e sua inserção na sociedade urbana, oriundos ainda, da época da influência dos colonizadores nos “processos de catequização e pacificação”, que fez com que “o contato dos Kaingang com elementos da “cultura nacional” sempre fosse visto em termos de prejuízo e de descaracterização de sua “cultura original”. (GIBRAN, 2008, p. 14).

A descaracterização como indígena se configura ainda decorrente do preconceito existente contra esses povos, numa situação em que muitos passaram a negar suas origens a fim de se livrar dos estereótipos.

Definimos o índio segundo a aparência física e o congelamos no tempo e espaço: índio é quem fala outra língua, possui olho puxado, cabelo liso, pele avermelhada e vive na mata, como a 500 anos atrás. Todas essas predefinições estão ausentes em muitos índios atualmente. Por não serem considerados indígenas, os índios urbanos geralmente são vítimas de segregação ou de confusões pessoais acerca de sua própria identidade. (BRAITE, 2007).

Alguns antropólogos, como Roberto Cardoso de Oliveira (1968), precursor no Brasil na pesquisa sobre a presença dos índios nas áreas urbanas, defendem que esta situação não é anormal, como muitos cidadãos a veem. O índio não deixa de ser índio porque está inserido nos centros urbanos, na realidade, ele sempre esteve lá, pois antes do processo de urbanização dos territórios, esses locais abrigavam suas comunidades. Para Nunes (2010) “o que está no fundo destas concepções, o que as sustenta, é um ideal de não coexistência destes dois tipos de gente, onde a figura (imagem) do índio é sempre definida negativamente, em oposição aos não-índios”.

Nessa perspectiva, há várias abordagens possíveis que podem contribuir para evitar concepções errôneas sobre a imagem do indígena, além de possibilitar uma maior compreensão sobre o seu modo de vida e o seu esforço em manter as tradições. Uma necessidade de preservação cultural, que existe mesmo quando muitos duvidam da sua identidade, ao olhar o indígena superficialmente, apenas como um ser distante da sociedade. Portanto, existe uma forte significância em relatar um assunto socialmente relevante e suscitar discussões sobre essa realidade, além de incentivar a produção de grandes reportagens e pluralizar os conteúdos veiculados, através de uma prática jornalística preocupada com os interesses sociais.

A intenção da reportagem, de certa forma, foi provocar um olhar mais crítico sobre esse fato social e também valorizar a prática jornalística da grande reportagem, dos relatos elaborados e inúmeras histórias.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Num primeiro momento foram realizadas pesquisas sobre o contexto histórico de marginalização, violência, e desvalorização dos povos nativos brasileiros, com o intuito de compreender as causas e consequências da discriminação e dos estereótipos sobre os indígenas. Além de buscar informações sobre as manifestações culturais, em específico dos kaingang, e sua trajetória na região Sul do país e na cidade de Chapecó.

Após um conhecimento mais amplo sobre estes fatores, a pauta foi delimitada. Com esta definição os ângulos de abordagem começaram a tomar forma, de modo a focar no tema proposto e sugerir informações aprofundadas sobre o mesmo.

Para relatar a resistência na perspectiva indígena, pensando tanto nas pessoas que a conhecem quanto nas que a desconhecem, a intenção foi acompanhar os kaingang, coletar

depoimentos e descrever seu cotidiano, a partir da inserção na aldeia e do contato com seus habitantes.

No processo de captação de informações foram consideradas as possibilidades que a grande reportagem oferece quanto ao tratamento aprofundado e, principalmente, as exigências do jornalismo literário em relação às descrições e percepções. Portanto, a proposta foi explorar a história dos personagens, suas características e seus costumes, através de técnicas de captação como a entrevista e a observação.

Para complementar a narrativa e agregar informações mais técnicas a respeito do tema foram realizadas entrevistas com fontes oficiais, como a Fundação Nacional do Índio (Funai), no sentido de acessar documentos. Também foram incluídos depoimentos de especialistas sobre a questão, como antropólogos, e acrescentados conteúdos de pesquisas científicas sobre o tema.

A técnica adotada para apresentar o conteúdo apurado foi a do Jornalismo Literário, pois ao optar pela narrativa humanizada, o jornalista consegue elucidar os acontecimentos, mexer com o imaginário do público e aproximá-lo da realidade descrita. Nesse sentido, o Jornalismo Literário proporcionou descrições que pudessem transportar o leitor à atmosfera narrada pelos personagens.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Para a delimitação da pauta, tendo em vista que a causa indígena e, a própria resistência cultural, envolvem amplas possibilidades de enfoques, várias leituras, pesquisas e entrevistas sobre livros de jornalismo, antropologia e história foram realizadas para evitar uma abordagem tendenciosa e estereotipada. Visto também, que fazer uma reportagem, “não se trata apenas de acompanhar o desdobramento (ou fazer a suíte) de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes – em suma, investigar e interpretar.” (LAGE, 2011, p.39)

Depois da escolha do tema, o próximo desafio foi mapear as fontes e conseguir autorização para entrar na aldeia e fazer as entrevistas, pois a proposta da reportagem seria acompanhar o cotidiano da aldeia.

O passo seguinte foi a realização de entrevistas na aldeia. A atenção aos detalhes foi uma preocupação em todas as entrevistas para alimentar a reportagem com descrições

exigidas pelo gênero literário. Neste ponto, ter o privilégio de entrevistar as fontes no seu espaço, na reserva, foi essencial à observação.

Além das entrevistas, foram acompanhados dois momentos que envolveram rituais kaingang na Aldeia Condá. O casamento indígena e a reflexão do Sete de Setembro, renderam boas observações e coleta de dados, especialmente considerando a presença do repórter na cena como um mero coadjuvante da situação.

O processo de apuração contou com seis idas a campo, na Aldeia Condá, entrevistas com antropólogos, que lançaram concepções acerca da questão indígena, dos estereótipos, das práticas de resgate cultural e um pouco da trajetória dos kaingang em Chapecó, além de dados oficiais da Fundação Nacional do Índio (Funai) e do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) sobre a demarcação de terras indígenas no município.

Após a coleta de dados, deu-se início a produção textual, que compreendeu na seleção das informações, na estruturação e no desenvolvimento do texto, seguidos pela diagramação das fotografias e da reportagem em formato de revista impressa. A diagramação foi baseada no estilo gráfico da Revista Piauí, pois esta é uma referência do Jornalismo Literário no Brasil.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

Um dos principais objetivos com o desenvolvimento deste trabalho foi revelar outros ângulos da causa indígena, sob a perspectiva daqueles que lutam para conquistar de volta suas terras, resgatar seus costumes e aliar as tradições às influências impostas pelo mundo moderno.

Diante de conteúdos pouco aprofundados sobre o tema na região, a intenção fundamental da reportagem foi desmistificar estereótipos e buscar reverter o discurso marginalizado de que o índio perde sua identidade ao desenvolver hábitos distintos da sua ancestralidade.

Ao apresentar um tema com base em ângulos pouco, ou praticamente nunca abordados, o jornalismo contribui para a construção de novos olhares acerca de temas que possam parecer tabus já consolidados, devido à insistência nas mesmas abordagens. Por isso, a busca neste trabalho foi pelo despertar da reflexão àqueles que pouco conhecem a causa indígena, no sentido de sensibilizar os leitores para histórias que também fazem parte da sua cidade, do seu dia a dia.

Com esses objetivos, a produção da grande reportagem em estilo literário foi considerada a opção mais apropriada para descrever a resistência cultural. Mesmo cada vez mais escassas nos jornais, as grandes reportagens sempre provam a relevância de uma produção aprofundada. É difícil esgotar todas as possibilidades que um tema pode oferecer (e certamente esta grande reportagem não esgota a temática proposta), mas a reportagem busca tornar possível a compreensão sobre um assunto e, mesmo dentro de suas limitações, pode transportar o leitor – especialmente por meio do gênero literário – para outras realidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAITE, Fernanda. **Projeto abre discussão sobre índios na cidade, preconceito e demarcação de terras.** [S.l.], 2007. Disponível em: <<http://noticias.ambientebrasil.com.br/clipping>>. Acesso em: 31 mai. 2012.

CASSOL, Jaqueline Adriana. **Sociedade indígena kaingang:** relato de uma realidade. 1999. Monografia (Bacharelado em Ciência Econômicas) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 1999.

LAGE, Nilson. **A reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NUNES, Eduardo Soares. **Aldeias Urbanas ou Cidades Indígenas?** Reflexões sobre índios e cidades. 2010. 30 f. Dissertação (Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Porto Alegre, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Urbanização e Tribalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

PAIM, Elison Antonio. **Aspectos da constituição histórica da região oeste de Santa Catarina.** Saecolun – Revista de História: João Pessoa, 2006.

SOARES, Murilo César. **Representações, jornalismo e a esfera pública democrática.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.